

Roteiros: Rendas & Fiados

Agô

A todos peço licença

Aos velhos da encantaria

A todo povo de antes

que me abençoa na vida

Caboco. A história começa aqui, onde também termina.

Pedimos licença aos mais velhos e aos que aqui estiveram antes para que veredas sejam abertas e suas feições acessadas. Com os olhos semicerrados, guardados entre as pálpebras, tensionadas sobre o globo ocular, olhando como quem olha para dentro, esforço-me para imaginar os seus rostos.

(Caboco se posiciona ao centro sobre o foco de luz que lava o chão)

Primeiro estendemos o tecido ao chão. Um a um, os fios de sua extremidade serão puxados, deixando rastros de ausências lineares em sua trama. Depois disso o crivo, ponto a ponto demarcado em cada um dos encontros, formará essa malha homogênea que vemos aí.

Nas margens, bordados em renda de bilro da minha bisavó, no entremeio um tecido plissado costurado por uma colega, mais ao centro renda de minha avó Dilma, que assina com suas iniciais

F.D.S

Francisca Dilma da Silva

Mas caboco não tem sobrenome, não é mesmo?

Menina do Maracujá

(Luz a pino, acende e mostra: um tronco de árvore seca, posicionada no centro do palco, uma mulher sentada embaixo da árvore, à sua frente, uma bacia de alumínio com sementes. A luz apaga. No escuro, começa a cantar)

Mulher: “Ela é a menina do maracujá,
do maracujá,
do maracujá”.

(Luz de ribalta âmbar acende aos poucos. Mulher continua a cantar)

Ela é a menina do maracujá,
do maracujá, do maracujá
na sua saia também tem barra,
também tem flor
de maracujá.

(Enquanto canta, tira as sementes que estão dentro da bacia e coloca na barra da saia. Vai repetindo a música, baixando o tom de voz, cantarola, canta pedaços da música, sussurra)

(A luz a pino acende novamente, a mulher levanta, derrama as sementes, que estão na barra da saia, de volta na bacia. Olha pra platéia, fala e caminha na direção dela)

Mulher: quando eu era criança, gostava de
sentar no alto do pé de goiabeira que tinha
no quintal da vizinha. Ficava lá
por horas e horas, olhando
pro tempo, vendo o tempo
passar. Gostava de ficar
quietinha, sem fazer nem um
barulho, me escondendo entre as
poucas folhas da goiabeira,
agarrada nos galhos finos,
sentindo o vento me fazer
medo de que ia me derrubar
lá de cima. Teve um dia que
o vento apareceu estranho. Começou a
balançar o galho, balançar, balançar... e eu?
tava no ar de cair
me agarrei firme e
fechei os olhos. Nessa hora
o medo passou. De olho fechado, eu
não via o tamanho da queda

que tava em via de levar. Eu via
o vento, passando a mão no meu cabelo. E
pela primeira vez,
comecei a
cantarolar essa música.

Começa a dançar e cantarolar, pegando na ponta da saia. Fica um pouco mais distante
da árvore, na
lateral. Dança.

Luz fica mais intensa na mulher e mais fraca na árvore, deixando-a quase na penumbra.

Mulher: Desde esse dia, eu
passei a cantar essa música.

A menina do maracujá era uma
presença invisível. qualquer hora
do dia ou da noite, bastava cantar.

nunca vi, a menina do maracujá, mas eu
imaginava como
se visse.

(Mulher caminha na direção da platéia. Apaga a luz de contra. Acende, luz a pino)

Quando queria brincar, soprava no
meu ouvido e eu
começava a cantar a música pra ela aparecer.
Chegou no ponto de a gente brincar toda
tarde.

(Só luz lateral. Mulher caminha na direção da bacia. Agacha-se. Põe as mãos dentro da
bacia e começa a jogar as sementes pra cima, pegar na borda da bacia e sacudir para
ouvirem-se as sementes rolando na bacia. Experimenta movimentações de modo a
buscar várias sonoridades sutis. Para.)

Mulher:

Até que
meu pai viu. Bem na hora
que eu tava cantando pra
chamar a menina.

(Mulher pega a bacia e derrama as sementes no chão).

Ele disse que não pode chamar essas coisas, que essas coisas tem que ficar do lado de fora.

(Luz de ribalta. Mulher usa a bacia para construir imagens com ela, deslocando-a pelo corpo, equilibrando, em ritmos alternados, parando ao formar uma imagem. Entra na bacia).

Mulher: Passou foi tempo, esqueci da menina do maracujá ou ela foi embora, não sei.

Quando penso que não, um dia ela apareceu de novo, veio de repente, abrindo as janelas da sala.

(Mulher sai de dentro da bacia, deixa ela virada em cima das sementes e caminha pra frente do

público. Posiciona-se entre a bacia e a árvore. Luz de contra)

Soprou que na beira do rio tem os troncos velhos, mas também tem os brolinhos. Os brolinhos vão levar e vão deixar as sementes de tudo quanto é qualidade de coisa, visível e invisível.

A mulher caminha na direção da árvore e fica atrás dela.

Um feitiço,

ela me contou, um feitiço.

Embaixo da água do mar, faz morada uma floresta de troncos velhos. Os troncos velhos, parados, escutam as ondas quebrando na barra,

vêm a sombra da noite se
desmanchando na
amanhescença do dia.

O som do bilro entrelaça um no outro,
o marulho do mar quebra na praia,
o tempo que se vive aqui
se vive na em qualquer parte do mundo.
Vivemos fugindo da boca escancarada
cheia de dentes,
que sai pelo mundo,
devorando mundos.

Áudio da carta 3 toca.

Mulher junta as sementes do chão e coloca de volta na bacia. Põe a bacia na cabeça.

A luz vai apagando. Luz a pino na árvore.

Audiência

(cosmograma, leitura de textos no microfone/referências)

- Farol de ponta de pedra (imaginário do quilombo, as gentes, musicalidade, invisíveis, feitiços)
- Balbino em chamas (luta pela terra)

Ôi ponta de Farol de pedra e a noite é sombra do dia
dalí não vá se enganar, mas pelo farol da Bahia
Farol de ponta de pedra que a noite é sombra do dia
porém não vá se enganar é com o farol da Bahia
Eu rebolei meu barco na água, correndo com demazia,
sacudi água no pano, pela amanhecença do dia.

Homem: O ponto é o encontro fatal entre duas retas. Ao fundo a linha do horizonte. aqui
o
sol desponta e nasce. Luz a pino. esmaece e se deita. nasce e renasce. morte e vida,
vida e
morte.

vida.

No fundo a lama que encobre nossos pé. os encantados que aqui estão vivos. Kabula, Balbino em chamas.

(Luz a pino. 2 microfones com pedestal. Um de frente pro outro. Homem entra na luz e lê).

Homem:

Boto aqui um ponto no passado. Bato o pé. Faço rastro. Faço marca.

Já foi, fá fiz.

Depois, o que vem?

O que faço depois do que passou?

Danço para superar o que é do vivido.

Danço também por tudo que ainda há por fazer. É meio mundo de caminho, seu menino. Caminho feito (bate o pé, retira, olha), e caminho por fazer.

(Dança)

PRAIA DO BALBINO

O dia mal tinha deixado de ser dia quando eu avistei. Repare só! Da minha jangada, eu enxerguei a cerca na beira da praia. Coisa que era sempre nossa, de onde se tira vida pra família toda, agora em cisma de ter dono. Não entendi, não entendo. Me enfezei. Deu logo na barriga, as carne tudo tremendo de raiva, o mar foi me embalando até eu arrebentar na beira tirando a cerca.

Matérias e amostras de rendas e fiado por donde se faz evidente o adiantamento que tem

tido os rapazes índios da Vila de Messejana, da escola de ler e escrever, que se lhes estabeleceu, e as raparigas, na da Mestra em que andam aprendendo.

N. 2.

AabbccddeeffghhijllmmnnooppqqrRssTtuvxx

Para combater a natureza do homem não há instrumentos mais valentes que peças de prata e balas de ouro já se a peça faz pontaria `a cobiça todo ouro se logra e toda a muralha se rompe, e se a cobiça tem algum mando na fortaleza aos primeiros combates prometem render-se a qualquer partido. Para combater a fortaleza do homem não há instrum

Feita hoje, sexta-feira de manhã, aos 12 de setembro de 1760 a[nos]

Discípulo de Vossa Mercê De Jacinto Barbosa de Jesus

ABCDEFGHIJMNOPQRSTUVWXYZ

A disputa de terra virou disputa de mar. Se, do mar, os amarelo gritaram terra à vista, eu não tava muito acreditando no que eu tava vendo. Aqui já foi quilombo, e de onde vem a matéria nossa. A gente é bravo é de luta é de resistência por que a gente tem sangue. O povo que aqui se botou primeiro veio no escape de ser escravizado e fugir da Guerra do Paraguai.

Welcome to Ceará! Bienvenide a Ceará! O Ceará espera por você! Descubra essa aventura! A onde é ser feliz agora. Ceará de encher os olhos. Melhores passeios.

quem deu esse nó?

quem deu esse nó não soube dar

esse nó tá dado eu desato já

ô desenrola essa corrente deixa os índio trabaiá

Aqui boto meu ponto para fazer um traço. O mangue, a praia, a lagoa, tudo que tem mais

tempo de vida do que eu e quem me sucedeu. Vou bolar aqui umas acontecências.

Coisas

que ouvi falar, que vi se desfazer.

Está certo? Não tá! (Apaga todo o desenho que vinha fazendo)

O estado do Ceará tá desenhado nos mapas oficiais assim ó. Essa parte aqui é toda banhada pelo mar, o oceano atlântico. Aqui fica Fortaleza, onde está Messejana, já o Balbino é uma comunidade que fica no litoral leste do município de Cascavel e do distrito de

caponga.

Possui por volta de 960 moradores, e uma área de 250 hectares, localizada a 60 km da capital cearense.

Esse é o Ceará (vai dispondo imagens de cartazes, folders, panfletos de propagandas turísticas do governo do estado e da prefeitura). Ceará: viva essa alegria.

Era 1980 quando ele viu a cerca na praia. A cerca cercando o que não se cerca. 1984.

1986. 1987. Queriam botar a gente num mapa que a gente não queria estar.

Especulo que você, caso tenha dinheiro, tenha interesse em uma casa de praia próximo a

Fortaleza. Especulo que aqui dará um bom resort. Especulo que uma pessoa pobre queira

se desfazer da sua casa. Especulo que a prefeitura e o governo acharam uma boa ideia um

empreendimento trazendo emprego e renda, botando essa cidade no mapa do turismo.

Especulo que faço bem. Especulo.

VAIA CEARENSE

Incelença

(incelença, memórias,)

- chamar os que já foram - arquivo e ficção (memória e contramemórias)

O choro é livre, o público é estimulado a contar suas histórias. o microfone passa no mesmo

percurso circular por donde passaram as oferendas. da esquerda para a direita. Objetos postos/expostos no chão, são manuseados e guardados num samburá.

um ciclo se inicia. Retoma. ENCERRA. Renasce

Uma incelença entrou no paraíso

Uma incelença entrou no paraíso
Adeus, irmão, adeus Até o dia de juízo
Adeus, irmão, adeus Até o dia de juízo